

MODELO O TRABALHO COM ALFABETO MÓVEL PARA A APROPRIAÇÃO DO SEA DURANTE A PANDEMIA: UMA EXPERIÊNCIA EM ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL DE FORTALEZA

ALEANDRA DE PAIVA NEPOMUCENO¹
ALEXANDRE SANTIAGO DA COSTA²

RESUMO

A psicogênese da língua escrita oportunizou a compreensão da criança enquanto sujeito no processo de aprendizagem. Essa compreensão curiosamente coaduna com a percepção do professor enquanto mediador do conhecimento. O presente trabalho tem como objetivo apresentar a experiência do trabalho com alfabeto móvel para a apropriação das propriedades do SEA durante o ensino remoto. A experiência ocorreu em uma turma de primeiro ano em escola pública Municipal de Fortaleza. Utilizou-se como fundamentos teóricos para o relato a pesquisa autores que tratam sobre alfabetização letramento como Soares (2020), Morais (2014) sobre os fundamentos do sistema de escrita alfabética e Luckesi (2002) que discorre sobre ludicidade e atividades lúdicas. E ainda, os documentos norteadores como Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC), compondo a pesquisa documental. A experiência apresentou resultados positivos ainda que diante de um contexto desafiador, ocorreu uma maior participação e interação das crianças por

1 Graduado do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, aleandrane-pomuceno@gmail.com;

2 Professor orientador: Dr. Alexandre Santiago da Costa, Faculdade de Educação - UFC, alexandresantiago@yahoo.com.

meio dos grupos de whatsapp e uma melhora progressiva na apropriação das propriedades do sistema de escrita alfabética.

Palavras-chave: Alfabetização, Sistema de Escrita Alfabética, Alfabeto móvel, Pandemia.

INTRODUÇÃO

A pandemia nos impôs uma realidade que jamais se supôs acreditar ser possível. Assim, medidas de isolamento, distanciamento e uso de máscaras, e ainda a higienização das mãos, das maçanetas e das compras de supermercado nos fizeram vivenciar os desafios de uma realidade pandêmica. Precisávamos, mesmo diante desse desafiante contexto, nos adaptar.

A priori nenhuma ação proposta para a educação escolar supriria o formato presencial. Nada substituiria a interação do “olho no olho”.

Nas salas de aula tradicionais, as pessoas se veem, tocam-se. Sorriem e comunicam-se pelas linguagens do corpo. O ambiente da sala de aula, seus espaços e apetrechos também comunicam ações e intenções. Quando a aula termina, os alunos continuam próximos. Nos intervalos entre as aulas, fortalecem-se as amizades, desenvolvem-se afetos e cumplicidades. A coesão social – indispensável para a ação e a formação do cidadão – nasce nas inter-relações pessoais que ocorrem nos intervalos, nos momentos de encontro presenciais e comunicativos fora das salas, mas dentro do espaço das escolas. (KENSKI, p. 55, 2010)

Todavia, durante esse período, professores de todo o Brasil precisaram se adaptar a essa nova realidade, agora virtual. O desafio se tornava ainda mais preocupante se pensássemos no processo de alfabetização e letramento, e em todas as dificuldades que já enfrentávamos no formato presencial. Neste sentido, surge a questão: Como realizar atividades nesse modelo remoto? O que poderíamos favorecer diante desse contexto? Como fazer? As inquietações da professora alfabetizadora foram ponto de partida para a vivência que aqui buscou-se descrever..

A psicogênese da língua escrita oportunizou a compreensão da criança enquanto sujeito no processo de aprendizagem. Essa compreensão coaduna com a percepção do professor enquanto mediador do conhecimento, condição fundamental para o desenvolvimento de atividades que garantam um aprendizado significativo para crianças em processo de alfabetização.

Neste sentido, durante o período pandêmico buscou-se favorecer a aprendizagem das crianças mesmo que em situação desigual e por

vezes sem o aparato tecnológico necessário à realização das atividades propostas, compreendendo-as como sujeitos de sua aprendizagem. Diante desse contexto, o alfabeto móvel aliado as interações com as crianças por meio de áudios no aplicativo whatsapp e ainda, os registros por meio de fotografias dos momentos de brincadeiras ao montar e desmontar as palavras sugeridas pela professora se tornou um atividade significativa em meio aos desafios da pandemia da COVID-19. Portanto, a experiência torna-se relevante para estudos e pesquisas que tratam sobre a apropriação do sistema de escrita alfabética (SEA), a partir de atividades lúdicas utilizando o alfabeto móvel como recurso didático.

O contexto pandêmico que assolou o mundo em 2020, forçosamente repercutiu na “escola” e a busca por aparatos tecnológicos que pudessem favorecer a relação ensino-aprendizagem. Mediados por tecnologias as “interações” foram “garantidas” por chamadas no Google Meet, chats, lives, classroom, whatsapp, esse último, bastante utilizado pela rede municipal de Fortaleza. Em meio às dificuldades, as práticas foram adaptadas para dar continuidade mesmo que diante das incertezas do período. Assim, a utilização do alfabeto móvel como recurso lúdico foi adaptada e favoreceu a interação das crianças com o objeto de aprendizagem, ou seja, com a língua escrita.

O presente estudo tem como objetivo geral apresentar a experiência do trabalho com alfabeto móvel para a apropriação das propriedades do SEA durante o ensino remoto. E ainda, como objetivos específicos investigar as contribuições da utilização do alfabeto móvel como recurso didático para a apropriação do Sistema de escrita Alfabética e analisar os efeitos da ludicidade para a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética.

METODOLOGIA

O presente estudo é de natureza qualitativa e visa relatar a experiência vivenciada durante o ensino remoto em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais. A experiência ocorreu durante a pandemia no ano de 2021 em uma escola pública Municipal de Fortaleza.

Como instrumentos da coleta de dados, utilizou-se os registros fotográficos recebidos pela professora durante a realização das

atividades, os áudios enviados e os áudios recebidos das crianças a partir das interações nos grupos de WhatsApp e chamadas no Google Meet.

REFERENCIAL TEÓRICO

Utilizou-se como fundamentos teóricos para o relato a pesquisa autores que tratam sobre alfabetização letramento como Soares (2020), Morais (2014) sobre os fundamentos do sistema de escrita alfabética. E ainda, Ferreiro e Teberosky(1999) e sua pesquisa sobre a Psicogênese da Língua Escrita e Luckesi (2002) que discorre sobre ludicidade e atividades lúdicas. E ainda, os documentos norteadores como Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC), compoendo a pesquisa documental.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Psicogênese da Língua Escrita trouxe à compreensão para as hipóteses das crianças para a escrita, entendeu-se à luz dessa teoria que a criança reflete sobre esse complexo processo.

Durante a experiência remota com as crianças propôs-se a escrita de sentenças, por exemplo, buscou-se chamar atenção das crianças para outros elementos na construção da

frase, como o espaço entre as palavras e pontuação. Segundo os estudos de Ferreiro e Teberosky,

(...) Na escrita que estamos habituados a praticar, além das letras e dos sinais de pontuação, fazemos uso de outro elemento gráfico, que consiste em deixar espaços em branco entre grupos de letras. Esses grupos de letras separados por espaço em branco correspondem a cada uma das palavras emitidas. Parece muito simples; no entanto, não o é. (FERREITO, TEBEROSKY, 1999, p. 115)

Destacou-se a relevância do estudo sobre a psicogênese para que fossem propostos intervenções e questionamentos que favorecessem a reflexão sobre a língua escrita. Na ocasião também se privilegiou alguns questionamentos de modo a favorecer a reflexão fonológica, ou comumente conhecida por consciência fonológica. Questionamentos

como: Quantas vezes você abre a boca para falar a palavra? Com qual letra você acha que começa essa palavra? E ainda, privilegiamos reflexões sobre os conhecimentos metalinguísticos, com questionamentos como: Qual a palavra maior? BICICLETA OU TREM? Por quê? A palavra TREM tem poucas letras ou muitas letras? Por quê? Assim, contemplaram-se também reflexões para a superação da hipótese do realismo nominal.

E ainda reflexões sobre o Sistema de Escrita Alfabética (SEA): Quais letras encontramos na palavra? Quais são as vogais? Quais são as consoantes? Toda sílaba é formada por uma consoante e uma vogal? Quais outras formações de sílabas? Existem letras que se repetem? Quais letras se repetem? E ainda, o trabalho colocando ou retirando determinadas letras para que as crianças refletissem que as letras notam segmentos sonoros menores que as sílabas orais que pronunciamos dentre outros aspectos.

As palavras formadas com o alfabeto móvel eram compartilhadas no grupo a partir das fotografias. Assim, as crianças refletiam a respeito das regularidades e irregularidades da língua escrita e criavam suas hipóteses. Sobre o uso do alfabeto móvel como recurso pedagógico Morais afirma,

O alfabeto móvel, seja com cartelas em papel, com letras de plástico ou de madeira, permite ao aprendiz vivenciar, de modo bastante rico, uma série de decisões sobre como escrever. O fato de as letras estarem já disponíveis, à sua frente, subtrai o trabalho motor de traçá-las, embora, como diremos daqui a pouco, não há por que não “copiar” as palavras que se vão formando.

Sem o gesto motor, a atenção da criança que escreve com o alfabeto móvel vai se voltar para escolher quais letras vai usar e em que ordem vai colocá-las, sequencialmente. O fato de as mesmas letras aparecerem repetidas cria a situação de conviver com letras como um conjunto de “classes” de elementos iguais. (MORAIS, 2012, p. 139)

O uso do alfabeto móvel foi um aliado para trazer uma proposta lúdica para a atividade que por vezes a depender da atividade, tornou-se um processo cansativo e “doloroso”. Mas, especificamente essa atividade os áudios enviados pelas crianças demonstravam esse caráter lúdico do material, as crianças despertavam o interesse e o sentido

na produção das palavras, “tia já tô fazendo um bocado de palavrinhas, que legal é!”. Segundo Luckesi,

A ludicidade é um estado interno, que pode advir das mais simples às mais complexas atividades e experiências humanas. Não necessariamente a ludicidade provém do entretenimento ou das “brincadeiras”. Pode advir de qualquer atividade que faça os nossos olhos brilharem.(Luckesi, 2014, p. 18)

Ora, as crianças nos dão pistas do que de fato despertam seus interesses. Ainda que sem o contato “olho no olho”, os áudios evidenciavam o interesse das crianças nas atividades relacionadas ao uso do alfabeto móvel, as inúmeras fotografias recebidas nos momentos de interação revelavam como a atividade envolvia os pequenos. Segundo Morais,

Palavras podem ser montadas e desmontadas, podem ser “construídas” e “destruídas”, tornando-se objetos especiais desse mundo: objetos porque assumem uma materialidade nas letras que ocupam um espaço crescente à medida que uma palavra vai sendo formada. Mas especiais, porque são objetos que podem desaparecer do mundo ou transformar-se em outros objetos(novas palavras). (MORAIS, 2012, p. 140)

Assim, a atividade com esse recurso foi ressignificada para que pudéssemos, além de compreender as hipóteses de escrita, tornar o aprendizado significativo, favorecendo a reflexão sobre a língua escrita em tempos de pandemia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade se mostrou valiosa, pois constatamos um envolvimento maior das crianças, que foi possível tanto em função da temática quanto em função da interação das crianças com a professora durante o processo avaliativo. O trabalho aponta para a importância da mediação e das interações da professora no processo e potencializa a aprendizagem das crianças em processo de alfabetização.

Nesse processo o alfabeto móvel como recurso lúdico se constitui em um instrumento que favoreceu o trabalho pedagógico desenvolvido durante o período de ensino remoto emergencial. A partir desse recurso lúdico pudemos favorecer de forma significativa os momentos de reflexão sobre a língua, tornando as crianças protagonistas de seus processos de aprendizado.

Esse processo também permitiu o maior engajamento das famílias durante toda a realização da atividade. Por fim, conseguimos realizar um processo de aprendizagem significativo e prazeroso para nossas crianças diante de um contexto difícil devido a pandemia.

A experiência apresentou resultados positivos ainda que diante de um contexto desafiador, ocorreu uma maior participação e interação das crianças por meio dos grupos de whatsapp e uma melhora progressiva na apropriação das propriedades do sistema de escrita alfabética. A experiência ascende o debate sobre a “centralidade em um método”, ao mesmo tempo que fortalece a discussão do papel das diversas teorias para fundamentar uma prática pedagógica destituída de um método, mas fundamentalmente assentada em diversas teorias que norteiam o trabalho docente de quem vai mediar o processo de ensino aprendizagem desse sujeito histórico e de direitos. .

REFERÊNCIAS

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2010.

LUCKESI, Cipriano. **Ludicidade e formação do educador**. Revista entreideias, Salvador, v. 3, n 2, p. 13 - 23, jul/dez.2014

MORAIS, A. G.; LEAL, T. F. Como promover o desenvolvimento das habilidades de reflexão fonológica dos alfabetizandos? In: MORAIS, A. G.; ALBUQUERQUE, E. B. C.; LEAL, T. F. **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MORAIS, A. G. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

MORAIS, A. G. **Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização**. – 1. ed.; - Belo Horizonte: Autêntica, 2020.